



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O TEATRO E A IMPRENSA COMO PRÁTICAS CULTURAIS NO GRUPO ESCOLAR TENENTE CORONEL JOSÉ CORREIA (1911-1950)

Gilson Lopes da Silva

Mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: gilopes2000@hotmail.com

Resumo: Os grupos escolares foram criados no Brasil por volta de 1890 como um ideal de escola moderna do governo republicano com o objetivo de diminuir o índice de analfabetismo e propagar hábitos de civilidade na população. As primeiras edificações escolares, construídas em São Paulo, tornaram-se modelos para outros grupos escolares que se desenvolveram pelo país. Um deles foi o Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, inaugurado no dia 07 de setembro de 1911, na cidade de Assú (RN). À época de criação do grupo, e em suas primeiras décadas de funcionamento, os sinais do progresso haviam chegado na cidade através de uma série de mudanças e no aumento da demanda de serviços públicos e privados. Registra-se, ainda, uma movimentação artístico-cultural com a criação de espaços teatrais, a circulação de jornais e uma efervescência poética na cidade. O objetivo desse trabalho é analisar o processo de interação que se configurou entre a cultura escolar desenvolvida no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia e os principais aspectos da cultura urbana presente na cidade de Assú. Abordamos, principalmente, as práticas culturais no âmbito educacional através da produção de dramatizações teatrais e da produção de veículos de comunicação impressos. No referencial teórico trabalhamos com Forquin (1993), que identifica a cultura escolar como um conjunto de significados, expectativas e comportamentos compartilhados por determinado grupo que potencializam os intercâmbios sociais dentro de um recorte espacial e temporal determinados.

Palavras-chave: Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, Cidade de Assú, Teatro, Imprensa.

Introdução

O governo republicano foi instalado no Brasil nos finais do século XIX defendendo um projeto de reforma social moderna, repensando vários espaços sociais. No setor educacional são realizadas reformas através da normatização do ensino primário e secundário criando novos instrumentos para o ensino público: os grupos escolares.

Para Vidal e Faria Filho (2000), os grupos escolares eram apresentados como prática e representação que permitiam aos republicanos romper com o passado imperial; eram espaços que projetavam para um futuro, em que o povo, reconciliado com a nação, plasmaria uma pátria ordeira e progressista.

As primeiras edificações escolares foram construídas em São Paulo, nos anos de 1890, que foi tomada como sinônimo de progresso e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

cosmopolitismo. A educação empreendida no estado serviu de modelo-base para diversos outros Grupos Escolares que se desenvolveram pelo país.

No Rio Grande do Norte, o primeiro Grupo Escolar foi instalado na cidade de Natal. Moreira (2005), informa que o Grupo Escolar Augusto Severo foi criado pelo decreto nº174 em 5 de março de 1908, no exercício do governo de Antônio José de Souza e Melo (1907-1908) e também passa a ser a “Escola-Modelo” para outros grupos construídos no Estado.

De acordo com Souza (1998), a construção dos grupos escolares também fazia parte dos melhoramentos urbanos, tornando-se denotativo do progresso de uma localidade. Para a autora, a escola tornava-se um símbolo de modernização cultural e a morada de um dos mais caros valores urbanos: a cultura escrita. A escola e a cidade tinham, portanto, identidades interligadas, uma significando e dando sentido a outra. Na escola, enquanto *templo do saber*, as dimensões da vida urbana eram traçadas na formação de um povo preocupado com as letras e com hábitos cívicos e sociais. Por sua vez, muitos aspectos culturais desenvolvidos nos centros urbanos também exerciam influências nas práticas desenvolvidas no interior dos grupos escolares, como as artes teatrais e literárias.

Faria Filho (2005), chama a atenção para os múltiplos olhares que podem ser abordados sobre a cultura, a escola e a cidade, pois diversas são as práticas humanas que conformam e lhes conferem sentido. Segundo o autor, a relação entre esses elementos estabelece a necessidade de diferentes aproximações do mesmo objeto, possibilitando o diálogo interdisciplinar.

Esse trabalho tem como objetivo evidenciar o teatro e a imprensa como práticas culturais desenvolvidas no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia e o processo de interação e influências que se configurou entre essas práticas e a cultura urbana presente na cidade de Assú (RN). No final do século XIX e início do século XX a cidade desenvolveu diversos aspectos culturais, como a prosa, a poesia, a imprensa e o teatro, que despontaram em todo o Estado fazendo com que a cidade recebesse a cognominação de Atenas Norte-riograndense.

No intento de alcançarmos o objetivo proposto optamos por trabalhar com as reflexões de Jean Claude Forquin (1993) no referencial teórico. O autor aborda a concepção de uma cultura escolar dotada de uma dinâmica própria que sai dos limites da escola e imprime uma marca “didática” e “acadêmica” a toda espécie de atividades (no contexto dos lazeres, dos jogos, do turismo, campo político ou



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

campo profissional), sustentando com outras dinâmicas culturais (expressões da cultura erudita, cultura popular, meios de comunicação de massa, práticas cognitivas ou maneiras próprias de alguns grupos) relações complexas e sobredeterminadas que não se mostram redutíveis aos processos de simples reflexo ou repartição de tarefas.

Como metodologia nos apropriamos da investigação documental e bibliográfica. As fontes são livros que evidenciam o cotidiano da cidade de Assú como as obras do escritor Francisco Amorim, o decreto de criação e outros documentos do Grupo Escolar Ten. Cel. José Correia, e revistas e jornais publicados no período investigado.

1. Assú, a Terra dos Carnaubais ou Atenas Norte-Rio-grandense

A cidade de Assú localiza-se a 210 quilômetros de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Os primeiros habitantes da região eram os índios Janduí que viviam das terras ribeiras do Assú-RN para o Jaguaribe-PB, até a parte central de Pernambuco. Bernardo Vieira de Melo, da Capitania de Pernambuco, dominou os índios e fundou o Arraial Nossa Senhora dos Prazeres, no século XVII. O povoado recebeu várias denominações e foi elevado à categoria de cidade no dia 16 de outubro de 1845, através da Lei nº 124, de autoria de João Carlos Wanderley, passando a se chamar Assú (SILVEIRA, 1995, p. 9).

Os primeiros colonizadores praticavam atividades voltadas principalmente para a pecuária. Com o avanço industrial, a extração da cera de carnaúba e o algodão tornaram-se o destaque da economia do município nas primeiras décadas do século XX.

A partir do desenvolvimento econômico a cidade também passa por uma série de transformações e os sinais do progresso começaram a chegar na segunda metade do século XIX e início do século XX com a construção do cemitério e do mercado público, a fundação de uma farmácia de manipulação, a instalação da estação telefônica, a criação da Padaria Santa Cruz, de uma tipografia, da Biblioteca Pública Municipal, da Casa de Caridade, do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia e do Colégio Nossa Senhora das Vitórias e os melhoramentos urbanos surgiram através da criação de praças, da implantação da energia elétrica, da construção da ponte Felipe Guerra e da instalação de um serviço de alto-falante, (PINHEIRO, 1997).

Os registros e fontes também apontam que o passado do Assú é marcado por uma movimentação artístico-cultural que deu destaque ao



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

jornalismo, o teatro, a poesia e a prosa. Essas manifestações começaram a ganhar ênfase com a imprensa que surgiu por volta de 1867 com a circulação do Jornal O Assuense, da responsabilidade de João Carlos Wanderley. A partir daí vieram diversos outros jornais considerados de grande, médio e pequeno porte. Um dos jornais que circulou com maior duração, durante vinte e cinco anos, foi o periódico A Cidade, fundado em 1901. De acordo com Dantas (1989, p. 15), circularam no Assú cerca de 117 periódicos, destacando a cidade como um celeiro cultural dos mais importantes no Estado.

Paralelo à imprensa desenvolveu-se, também, o teatro, surgindo em 1884 a Sociedade Recreio Familiar, que deu origem ao Teatro São José. Com o desaparecimento do teatro São José, destacou-se a Sociedade Recreio Dramático Juvenil Assuense, fundada em 1891 e passando a ser reconhecida, em 1892, como Teatro São João. Nesse movimento foram criados em 1895, dois grupos: o Recreio Entre Famílias e a Sociedade Dramática progressista e nas primeiras décadas do século XX várias outras sociedades dramáticas foram criadas na cidade. Em 1912 foi inaugurado o Teatro Alhambra e posteriormente o Cine Teatro Pedro Amorim. A cidade contava também com seus próprios artistas e escritores, posto que os dramas, as comédias e peças teatrais eram representadas e escritas pelos filhos da terra (FERREIRA, 1999, p. 67) e representadas até a década de oitenta no Cine Teatro Pedro Amorim.

Ainda no campo literário Ferreira (1999), informa que a cidade de Assú se destacou no panorama da poesia norte-rio-grandense como a detentora de maior número de poetas. De acordo com Vasconcelos (1966), é notável a atuação dos assuenses no campo vasto da literatura potiguar, especialmente no jornalismo e na poesia. O autor acrescenta que a cidade do Assú foi considerada a *Atenas Norte-rio-grandense*, porque “basta nascer nessa terra prodigiosa, beber água da lagoa do Piató e ouvir o farfalhar acariciante das flabelas do carnaubal esguio e numeroso, para possuir, inato, o dom poético, elevado à mais alta potência criadora”, (VASCONCELOS, 1966, p. 17). Entre os representantes da poesia e literatura local com destaque em todo o Estado, destacamos os nomes de Renato Caldas, Francisco Amorim (Chisquito) e Maria Carolina Wanderley Caldas (Sinhazinha Wanderley), poetisa, escritora, musicista e professora.

Contudo, apesar do desenvolvimento literário e artístico, até o início do século XX a cidade ainda não contava com um espaço institucional de ensino totalmente voltado para esse campo. Até então as escolas funcionavam nas residências dos professores. Uma dessas professoras chamava-se D. Luíza de França das Chagas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Cavalcante, que dava aulas particulares em sua casa e era responsável pela inclusão de homens e mulheres de uma condição social mais abastada no mundo das letras. Assim como em outras regiões do país, uma grande parcela da população assuense era de analfabetos.

Com a chegada do governo republicano, surge no país uma escola com traços marcantes de uma matriz urbana: os grupos escolares. No processo de busca por uma nova identidade nacional e construção de um perfil de povo civilizado e letrado a educação assumiu lugar de destaque, tornando-se fundamental no processo de divulgação das propostas do ideário republicano.

Na cidade de Assú, a implantação dessa nova instituição educacional acontece exatamente dentro do processo de progresso e desenvolvimento sociocultural da cidade. Em 1911 é inaugurado o Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia.

2. A chegada da instrução pública republicana

A ideia de implantação de um grupo escolar se deu a partir de 1910 sob a iniciativa do juiz de Direito José Correia de Araújo Furtado, que percebeu o quanto era necessário para a cidade dispor de um local apropriado que pudesse oferecer educação primária de qualidade para a população assuense. Através de campanhas, ele conseguiu um prédio na Rua São Paulo para o funcionamento do estabelecimento e durante a administração do governador Alberto Maranhão era lançado no dia 11 de agosto de 1911 o decreto nº 254 que criava “*na cidade do Assú um Grupo Escolar denominado ‘Tenente Coronel José Correia’, compreendendo duas escolas elementares, uma para cada sexo e uma mista infantil*” (RIO GRANDE DO NORTE, 1911). A instituição foi inaugurada no dia 07 de setembro de 1911.

A implantação do grupo escolar foi matéria do Jornal A República, importante veículo de comunicação da capital, Natal, que circulava em todo o Estado. Segundo a matéria, a festa de inauguração contou com uma série de discursos que enaltecia o novo modelo de educação proposto pelo ideário republicano. Em seu discurso, por exemplo, o professor Anphilóquio Câmara mostrava “os erros e prejuízos existentes no sistema de ensino de outrora e os meios de evita-los”, referindo-se ao modelo educacional aplicado no período imperial, “passando em seguida a dissertar sobre as três espécies de educação, física, moral e intelectual e explicando como deveria ser ministrado o ensino moderno nos novos grupos escolares” (JORNAL A REPÚBLICA, 1911).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Foram empossados como professores Luiz Correia Soares de Araújo, que também assumia a direção do estabelecimento, Clara Carlota de Sá Leitão e Maria Carolina Wanderley Caldas (Sinhazinha Wanderley). Luiz Correia Soares de Araújo esteve à frente do Grupo Escolar até 1913. Depois foi designado para a capital do Estado. As professoras Sinhazinha Wanderley e Clara Carlota de Sá Leitão permaneceram no Grupo Escolar até meados da década de 1950.

Nos grupos escolares desenvolvia-se o curso primário, que contava com escolas infantil e elementar, funcionando com turmas mistas ou por sexo. O Grupo Escolar Ten. Cel. José Correia iniciou suas atividades com a matrícula de 90 alunos: 30 na classe infantil mista, 30 na classe elementar feminina e 30 na classe elementar masculina.

Os processos didáticos e metodológicos adotados nos grupos escolares expressavam uma nova orientação pedagógica baseada nos princípios do método intuitivo e inauguraram uma forma diferente de ensinar que implicava diretamente na relação entre alunos e o conhecimento escolar, rejeitando as aulas apenas expositivas e despertando a atenção dos alunos com recursos, perguntas e explicações, provocando a participação.

Seguindo os novos preceitos pedagógicos, no Grupo Escolar Ten. Cel. José Correia utilizavam-se figuras, mapas geográficos e outros recursos que deixavam as salas coloridas, alegres e propícias para o aprendizado. A professora Sinhazinha Wanderley também procurou desenvolver atividades prazerosas, lúdicas, trabalhando a leitura, a escrita, o canto e sempre introduzia aulas- passeio possibilitando aos alunos a oportunidade de observar, vivenciar e experimentar o conteúdo conforme sugeria o método intuitivo (SILVA, 2010).

O Grupo Escolar Ten. Cel. José Correia funcionou na Rua São Paulo, atual Minervino Wanderley, até o ano de 1948. Quando Edgar Borges Montenegro assumiu o cargo de Prefeito da cidade de Assú, em 1948, articulou junto ao governo do Estado a construção de um novo prédio munido de amplas instalações para melhor acomodar o número de alunos do Grupo Escolar da cidade. O projeto foi concretizado e no dia 02 de fevereiro de 1949 foi inaugurado o novo prédio para o funcionamento do Grupo Escolar Ten. Cel. José Correia, situado à Rua Coronel Wanderley. A reinauguração se deu num evento grandioso marcado por um dia inteiro de festividades na cidade e que contou com a presença do Governador do Estado, Dr. José Augusto Varela, e uma ilustre comitiva, evidenciando a representação do Grupo Escolar como um espaço de destaque no contexto social assuense, e até mesmo norte-rio-grandense.



3. O teatro e a imprensa no Grupo Escolar Ten. Cel. José Correia

No final do século XIX e início do século XX o poder público municipal assuense desencadeou ações que se familiarizam com tendências modernizadoras, se considerarmos a conjuntura de desenvolvimento urbano vivida pelo Brasil na periodização em estudo. No entanto, não bastaria todas essas mudanças sem que houvesse um avanço no que concerne à educação pública de qualidade para a população. Dessa forma, o modelo de educação republicana chega a cidade do Assú através da inauguração do Grupo Escolar Ten. Cel. José Correia. Vistos como símbolos de inovação e progresso da época, os grupos escolares tinham a finalidade de contribuir com a criação de uma nova nação marcada pela formação de um povo ordeiro, civilizado, letrado e patriota. Nesse mesmo período, a cidade de Assú também desenvolve práticas culturais importantes e significativas no contexto local e estadual e diversas dessas atividades também são refletidas no campo educacional.

Segundo Faria Filho (2005), uma das formas de compreensão das relações entre a cultura escolar e a cultura urbana é buscar entender como a instituição escolar se inscreve nas teias de relações urbanas. Para Forquin (1993), educação e cultura aparecem como duas faces recíprocas e complementares de uma mesma realidade onde uma não pode ser pensada sem a outra e toda reflexão sobre uma desemboca imediatamente na consideração da outra. Levantamos essas provocações dos dois autores principalmente no intuito de aproximar a interação existente entre o contexto cultural da cidade de Assú e as práticas culturais desenvolvidas no Grupo Escolar Ten. Cel. José Correia.

Inicialmente, destacamos a presença da professora Sinhazinha Wanderley que participava ativamente da vida cultural da cidade de Assú, seja através de suas poesias, da criação de textos e artigos para jornais, ou até mesmo na produção de obras musicais e hinos cívicos, inclusive o próprio hino da cidade. Por ter sido professora do Grupo Escolar por mais de 40 anos, pressupõe-se que suas atividades culturais também tenham influenciado seus alunos. Segundo Pinheiro (1997), entre as práticas pedagógicas da professora, ela realizava dramatizações, passeios, liderava diversas representações teatrais e participava das atividades comemorativas. Amorim (1972) informa que no encerramento do primeiro ano de atividades escolares, os alunos do Grupo Escolar Ten. Cel. José Correia apresentaram duas composições da talentosa professora Sinhazinha Wanderley, “denominadas ‘A Taba Assú’ e ‘A Reforma da instrução’”, que conquistaram francos aplausos, não só



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

pelo bom desempenho dado, como pela inteligente elaboração das peças”.

No livro *A História do Teatro no Assú*, de 1972, Francisco Amorim faz um resgate histórico dessa prática artística que já foi tão aclamada na cidade. Com esse trabalho o autor buscou “dar mais amplitude” e profundidade ao assunto, no intuito de “não fazer desaparecer uma movimentação cultural que muito honra e dignifica os nossos ancestrais”. De forma cronológica o autor vai apresentando as principais representações teatrais realizadas na cidade de Assú dos finais do século XIX aos meados dos anos de 1950. Diversas vezes figura o nome das dramatizações realizadas e apresentadas na cidade pelos alunos do Grupo Escolar Ten. Cel. José Correia, que, “no louvável propósito de estimular os seus frequentadores nos domínios da literatura e da arte, desde seu início, sempre promoveu festividades cívicas, cuja programação não era indiferente à arte de representar” (AMORIM, 1972).

No palco improvisado do Grupo Escolar ou nos espaços teatrais da cidade de Assú os educandos encenaram as peças dramáticas “A Choupana Bretan” em 1914, “Os Anjos dos Pobres” em 1915, “O Aniversário Querido” em 1919, “O Anjo do Perdão” em 1920, “As Vontades de Letícia” em 1921, “Os Morangos” em 1941 e “Coração de Cigana” em 1941, entre outras apresentações sempre realizadas em festivais, datas comemorativas, encerramentos de anos letivos ou atividades beneficentes.

O Educandário Nossa Senhora das Vitórias, da Congregação das Filhas do Amor Divino, foi inaugurado na cidade de Assú no dia 09 de março de 1927 e contou com a colaboração de diversos setores da sociedade através de campanhas para a arrecadação de recursos. O Grêmio Complementarista do Grupo Escolar Ten. Cel. José Correia realizou, em benefício das obras para a construção do Educandário, no Teatro Alhambra, no dia 24 de dezembro de 1925 um festival infantil que deu bons resultados (LIMA, 2002). Com o mesmo objetivo e por iniciativa do então diretor do Grupo Escolar, o professor Alfredo Simonetti, o Grêmio Complementarista promoveu, no dia 13 de maio de 1926, um festival de cenas dramáticas onde destacaram-se as apresentações “As Sete Notas” e a opereta “Tereza ou Judith” de Rodrigo Otávio (AMORIM, 1972).

O Grêmio Complementarista foi fundado no dia 8 de fevereiro de 1925 e foi criado pelos alunos da Escola Complementarista do Grupo Escolar. Além de participar da vida cultural assuense através de diversas dramatizações, a agremiação também desenvolveu atividades no contexto da imprensa da cidade. No dia 07 de setembro de 1925 circulou o primeiro número do jornal *O Paládio*, órgão oficial do



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Grêmio Complementarista do Grupo Escolar Ten. Cel. José Correia. O jornal, que tinha circulação mensal, era dedicado ao ensino, literário e noticioso. Em seu artigo de apresentação dizia que havia nascido, “Fadado para um futuro promissor e bello” e trazia o retrato do emérito assuense Dr. Nestor dos Santos Lima. Era impresso no Atelier Otavio, em Mossoró, quase sempre em tinta de cor e media 35x25. Em 16 de março de 1927 o periódico entrou em sua segunda fase, com o mesmo tamanho e o mesmo preço das assinaturas e permaneceu com a circulação mensal, mas na nova fase a impressão era feita nas oficinas do jornal A Cidade, em Assú, e quase sempre em tinta azul. As principais dirigentes do Jornal O Paládio foram Maria Maristela Amorim Souto, Marta Wanderley e Maria Deborah da Fonseca (AMORIM, 1965)

No Grupo Escolar Ten. Cel. José Correia ainda funcionou a Associação Literária Palmério Filho que organizava o jornalzinho O Alfabeto. Tinha publicação mensal e foram lançados apenas dez números. O primeiro saiu no dia 19 de novembro de 1917 e o último no dia 21 de abril de 1919. O impresso contava com a colaboração das alunas Maria Antônia de Moraes, Cecília Cândida da Silva, Maria Augusta de Sá Leitão, América de Queiroz e Maria Deborah da Fonseca (AMORIM, 1965).

A professora Sinhazinha Wanderley também foi uma grande colaboradora da imprensa na cidade de Assú escrevendo diversas poesias, versos e textos para alguns periódicos da cidade, como por exemplo nas Revistas Paládio, Poliantéia, e Atualidades. Esse último impresso circulou na cidade no ano de 1950. Diversos números trazem poesias, prosas, versos, textos variados e reminiscências da vida educacional da docente no Grupo Escolar Ten. Cel. José Correia. Na edição do dia 10 de setembro de 1950, ainda dedicada as festividades cívicas de 07 de setembro, a professora escreveu uma poesia intitulada **Relembrando o Velho Grupo**, onde expressa todo o seu amor ao Grupo Escolar da cidade e relembra também dos grandes festivais realizados pela instituição. Além dessa poesia, Sinhazinha Wanderley também escreveu na mesma edição o texto **Sete de Setembro**, onde saúda a comemoração cívica, destacando que a data “É o dia da Pátria, da emancipação de um povo” e recorda com muita emoção que “É ainda a data gloriosa em que a 39 anos foi inaugurado o Grupo Escolar ten. Cel. José Correia, dia em que as crianças do Assú abriram as almas para o batismo da luz” (REVISTA ATUALIDADES, 1950).



Considerações finais

Nesse trabalho procuramos evidenciar o processo de interação entre educação, cultura e cidade a partir da realidade histórica presente no Grupo Escolar Ten. Cel. José Correia e a cidade de Assú, no interior do Rio Grande do Norte. As informações apresentadas aqui são um recorte das reflexões da dissertação de mestrado em andamento que tem como objeto de estudo o Grupo Escolar Ten. Cel. José Correia. A pesquisa tem o objetivo de analisar a interação entre a cultura escolar desenvolvida na instituição educativa e a cultura urbana presente na conjuntura histórica da cidade de Assú. De forma mais ampla consideramos esse contexto em sua dimensão política, social, econômica e cultural. Em nosso recorte para esse trabalho priorizamos os aspectos da produção cultural desenvolvida no Grupo Escolar através das apresentações teatrais e de veículos de comunicação impressos.

Essa realidade interacional também ocorreu em diversos outros pontos do país, dado que várias pesquisas históricas no campo educacional tem o objetivo de dar significado às relações existentes entre educação, cultura e cidade. Nesse sentido, compreender a forma como a instituição educativa contribui e sofre influências do desenvolvimento cultural das cidades torna-se importante porque o ponto de partida das investigações que buscam essa convergência entre cultura urbana e escolarização é a própria ideia de que a sociedade produz a escola e, portanto, a escola tem as feições impressas pela sociedade (BUFFA, 2008).

A partir das teorizações de Forquin (1993), compreendemos que essa interação também evidencia uma noção de cultura escolar como o conjunto de significados, expectativas e comportamentos compartilhados por um determinado grupo social, ao mesmo tempo que facilita, ordena, limita e potencializa os intercâmbios sociais, as produções e realizações individuais e coletivas dentro de um recorte espacial e temporal determinados.

Referências Bibliográficas

AMORIM, Francisco. História da imprensa do Assú. Natal: Departamento Estadual da Imprensa, 1965.

_____. História do teatro no Assú. Rio de Janeiro: Serviço Nacional do Teatro, 1972.

BUFFA, Ester. Pesquisas sobre arquitetura e educação. Caderno de Pesquisa: pensamento educacional, Curitiba: v. 3, n. 5, p. 63-72, jan./jun. 2008.

DANTAS, Antônio Alderi. Açú - Simplesmente. Coleção Mossoroense, 1989.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

FARIA FILHO, Luciano mendes. Cultura escolar e cultura urbana: perspectivas de pesquisa em história da educação. In: XAVIER, Libânia Nacif. Et al. (Orgs.). Escola, Cultura e Saberes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

FERREIRA, Cláudia Maria Felício. A poesia de Renato Caldas e sua dimensão educativa. Dissertação (Mestrado em Educação). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 1999.

FORQUIN, Jean –Claude. Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

JORNAL A REPÚBLICA. A REFORMA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA: “Os Grupos Escolares”. 09/09/1911. Natal.

LIMA, Auricéia Antunes. História da Paróquia do Assú. Assú: Coleção Assuense. Dezembro, 2002.

MOREIRA, Ana Zélia Maria. UM ESPAÇO PIONEIRO DE MODERNIDADE EDUCACIONAL: GRUPO ESCOLAR “AUGUSTO SEVERO” – Natal/RN (1908-13). Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.

PINHEIRO, Rosanália de Sá Leitão. Sinhazinha Wanderley: o cotidiano de Assú em prosa e verso (1876-1954). Tese (Doutorado em Educação). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 1997.

REVISTA ATUALIDADES. Lembrando o velho grupo. 10/09/1911. Assú.

_____. Sete de setembro. 10/09/1911. Assú.

RIO GRANDE DO NORTE. Decreto n° 254, de 11 de agosto de 1911.

SILVA, Antônia Milene da. O Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, Assú – RN: Modernização do ensino primário (1911-1930). Monografia (Especialização em Educação). Mossoró: Universidade Estadual do Rio grande do Norte, 2010.

SILVEIRA, Celso da. Assu – gente, natureza, história. Natal: Boágua Editora, 1995.

SOUZA, Rosa Fátima de. Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Editora Unesp, 1998.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

VASCONCELOS, João Carlos de. Assú – “Atenas Norte-Riograndense”. Natal. Tipografia Santa Terezinha, 1996.

VIDAL, Diana Gonçalves e FARIA FILHO, Luciano Mendes. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. Revista Brasileira de Educação, nº 14. 2000.